

# “The Delirium of My Desire” – CD de Ana Maria Ribeiro e Isolda Crespi

---

## Crítica por Nuno Jacinto

“E aqui começa o teu desejo, que é o **delírio do meu desejo**: a Música é o desejo dos desejos:” escreveu o poeta italiano Edoardo Sanguinetti, arrebatado pela Arte Musical, pela sua força, rebeldia e fluidez nos sentidos, e que resgata tantas vezes a nossa ânima do purgatório dilacerante da vida quotidiana. Com esta *exaltação* em mente, a flautista Ana Maria Ribeiro lança-nos no seu primeiro trabalho discográfico, expondo intercaladamente, dois *delírios*: por um lado atira-se a clássicos *ferventes* do repertório num destemido *desejo* de *enlevo* do público melómano; por outro lado, entrega-se solitariamente e *ardentemente* a *desvarios* modernos, numa clara demonstração do seu estatuto como uma das principais flautistas do panorama nacional.

O primeiro *arroubo*, contudo, é comedido e partilhado: a cintilante “**Sinfonische Kanzone**” **op.114**, obra do desconhecido compositor alemão **Sigfrid Karg-Elert** das poucas regularmente interpretadas nos nossos dias, coloca a Flauta Transversal no mesmo plano que a dimensão acompanhadora – e quase cerimonial - do Piano. Esta *clarividência* é demonstrada eloquentemente por Ana Maria Ribeiro desde a primeira nota: a segurança de timbre e colocação que uma obra deste calibre exige, entre melodias exuberantes a passagens *frenéticas*, um controlo *intenso* do instrumento, culminantes numa sóbria cadenza. A interpretação *exuberante* de Ana Maria Ribeiro e partilhada pela pianista catalã Isolda Crespi Rubio coloca-se, neste prisma, num primeiro *inebriamento* do que aí ainda vem.

Ainda na demonstração desta musicalidade *ferrosamente* partilhada – embora num segundo *arroubo* de maior *efervescência* flautística – está na **Terceira Sonata para Flauta e Piano** do compositor e flautista francês **Phillipe Gaubert**: uma elegante obra de início de século XX, ainda com traços naïves e sonhadores do estilo romântico. Ah! E como cantam, numa *insânia* execução! Ana Maria Ribeiro e Isolda Crespi mimam-nos de modo destacado com um segundo andamento de suspiro, principalmente na secção inicial (e secção final, conseqüentemente), e um terceiro andamento de puro *êxtase* arrebatador!

Se tal não fosse suficiente, duas obras incontornáveis da herança musical europeia são *loucamente* lançadas ao ouvinte, numa *inconsciência desmesurada*. A redução para flauta e piano do “**Prelúdio à Sesta de um Fauno**” de **Claude Debussy** é uma escolha óbvia, tendo em conta o célebre tema inicial desta obra, pertencer a uma *onírica* Flauta de Pã. Se por um lado, deixa-nos meditar nas harmonias cristalinas de Debussy, por outro lado muito empobrece-nos na riqueza tímbrica da obra orquestral. São dignos, os esforços pautados pelas executantes, levando a bom porto esta redução. *Hélas*, também Franz Liszt reduzia as sinfonias de Beethoven de modo a chegar a mais público e aqui a função didáctica não pode ser desprezada.

A “**Meditation**” da ópera “**Thais**” de **Jules Massenet** é, em contraposição, uma escolha mais que acertada: mesmo contra a virtude do violino original em prolongar continuamente o som, a flauta de Ana Maria Ribeiro ultrapassa as limitações do seu instrumento num crescente *empolgamento* de beleza *febril*: toda a secção final

na oitava brilhante da flauta dá-nos uma sensação de *píncaro* emocional, juntamente com o embalar franco da pianista Isolda Crespi.

A completar este trabalho discográfico, temos três obras actuais para flauta solo, a roçar o ouvinte - e bem! - na *Amenomania: o ilusório* "**Monte Pacato**" de **António J L Ribeiro** – irmão da flautista e dedicatária–leva-nos a viajar num *transe* celestial, que se vai afogando em rasgos melódicos mais intensos e mundanos. Ana Maria Ribeiro controla bem este vagão com mestria, de quem já o conduziu várias vezes. A *loucura* afunda-se com "**Panic Flirt**" do compositor **Alexandre Delgado**, numa *obsessão* compulsiva do *frenesim*, do *pânico* instalado numa gaiola de pássaros. Uma peça de alto nível técnico, que a flautista demonstra com desconcertante facilidade, desde a *vertiginosa* articulação e técnicas estendidas, à musicalidade criada nos disjuntos arcos formais da peça. Por fim, a peça homónima do trabalho discográfico – "**The Delirium of my Desire**" é da autoria de **Luís Tinoco**, que nos *desatina* com um pulsar surdo, apenas assumido a meio da peça. A *violência* de controlo da respiração e *dementes* passagens *furiosas* de desvario ornamental, comprova como Ana Maria Ribeiro com pouco esforço leva-nos, pé ante pé, ao limite da nossa *sofreguidão*, deixando-nos exaustos de tamanha *doidice*.

Esta disco não se trata de uma *ilusão*, nem de um *delírio*: há muito tempo que se ansiava por uma amostra eternizada da qualidade simplesmente assombrosa do domínio da técnica flautística de Ana Maria Ribeiro. A *cupidez* da artista, no entanto, em se submeter a esta *temeridade*, principalmente pela escolha de um repertório de tamanha proporção e versatilidade, leva-nos a concluir que Edoardo Sanguinetti tinha razão quando evocou "*o desejo dos desejos*": a Música entrega-se a poucos, pois só àqueles que a *desejam fervorosamente* e que a dominam *dementemente*... são os mesmos que nos fazem vibrar nas nossas cadeiras. Assim, é com Ana Maria Ribeiro e a sua confidente musical, Isolda Crespi. O acesso ao profundo *delírio* assim, é universal.

**Nota do autor:** todas as palavras em itálico são sinónimas (ou aproximadas) de "delírio" e "desejo", *leitmotifs* desta crítica.